

CUIDADO E EDUCAÇÃO: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DO BEM VIVER

Maria Isabel Bristott¹

Rosana Maria Luvezute Kripka²

Silvio Antônio Bedin³

Resumo

O presente artigo visa socializar uma proposta de curso de formação continuada de professores e funcionários estaduais, do RS, com o foco na questão do cuidar-se para poder cuidar. Criado a partir de necessidades indicadas pelos próprios professores, buscou promover reflexões por meio de aportes teóricos e metodológicos, de modo a sensibilizar os participantes sobre a importância do cuidado na educação. Constatou-se que os professores estão acostumados a cuidar mais dos outros do que de si e diante das propostas puderam refletir sobre essa questão. Perceberam a importância de rever seus modos de vida e a necessidade de mudanças, que devem iniciar no próprio agir, em relação ao cuidado consigo e aos outros, para que seja possível a construção da cultura do Bem Viver no convívio escolar.

Palavras-chave: Educação, educação para paz, cuidado, cultura do bem viver.

CARE AND EDUCATION: AN ALTERNATIVE PROPOSAL FOR THE CONSTRUCTION OF GOOD LIVING CULTURE

Abstract

This article aims to socialize a proposal for a continuing education for teachers and employees of state schools, of RS, focusing on the issue of taking care of themselves in order to take care of others. The course was created from necessities indicated by the teachers themselves and it promoted reflections through theoretical and methodological contributions, in order to sensitize the participants about the importance of care in education. It was found that teachers are accustomed to take care of others more than of themselves and through the proposals they have been able to reflect on this issue. The participants realized the importance of revising their ways of life and the need of changes, which should begin in their own

¹ Mestre em Estudos Literários, Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: mibristott@terra.com.br

² Mestre em Ciências de Computação e Matemática Computacional, Universidade de São Paulo (USP). E-mail: rkripka@upf.br

³ Doutor em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: sbedin@upf.br

actions, in relation to caring with themselves and with others, so that it is possible to construct the good living culture in the school coexistence.

Key words: Education, education for peace, care, good living culture.

INTRODUÇÃO

As diversas vias pelas quais as violências encontram expressão na escola muitas vezes são sutis e passam despercebidas quando se trata de investir o olhar no professor.

O presente artigo aborda a importância do cuidado, centrado nos professores e funcionários, de forma que ao cuidar-se, eles também possam cuidar. Assim, traz uma experiência vivenciada em curso de formação de continuada o qual visou apoiar-se em reflexões teóricas e compartilhamento de vivências, tendo em vista a possibilidade de rever seus modos de vida, bem como as relações no ambiente de trabalho, tanto consigo, quanto com o outro e com o ambiente de pertencimento.

Muitas vezes a falta de cuidado próprio ou com o outro acaba culminando em situações conflituosas, que podem gerar violências. Nota-se que os problemas de violências ocorridas em contextos formais de educação tem impulsionado professores e gestores a buscarem alternativas para seus enfrentamentos e para suas possíveis prevenções.

Concorda-se com Maldonado (2012) quando indica que do mesmo modo como se aprende a ser violento, também é possível aprender a ser uma pessoa pacífica, que pode colaborar com a construção de ambientes favoráveis ao Bem Viver. No entanto, a autora salienta que, para que isso ocorra, é necessário que se busque resolver situações conflituosas por meio da escuta e do diálogo. Indica que esses são valores fundamentais na construção de uma educação voltada para a paz e para uma cultura de não violência.

Não existem fórmulas prontas para resolver questões dessa natureza, mas já existem relatos de muitas propostas bem sucedidas nesse sentido. Dentre elas, pode ser citada a experiência do Projeto de Alternativas à Violência (PAV), descrita por Bedin

(2006), que durou cerca de dez anos, em escola pública do Rio Grande do Sul. Esse foi um trabalho educativo coletivo que envolveu estudantes, professores e pais em processos formativos, constituídos numa perspectiva humanizadora, tendo em vista a incorporação da ética do cuidado nos contextos educativos.

Nesse sentido, desde 2012, tem sido desenvolvidos cursos de formação pela Universidade de Passo Fundo (UPF), por meio do projeto de extensão intitulado: “Observatório da Juventude, Educação e Sociedade – UPF”. Esse projeto possui convênio com a Cátedra da UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade, representada pela Universidade Católica de Brasília, e objetiva consolidar um centro de referência no desenvolvimento de intervenções e produção de conhecimentos relacionados à juventude e violências nas escolas, visando realizar ações (ensino, pesquisa e extensão), voltadas ao enfrentamento da problemática.

Entre os cursos oferecidos, apresenta-se nesse artigo o curso: “Educação e Cultura do Bem Viver: cuidar-se para cuidar”, o qual foi elaborado mediante uma solicitação de oito escolas estaduais dos municípios de Tapejara, Vila Lângaro, Santa Cecília do Sul e Ibiaçá, as quais integram a Rede Estadual da 7ª Coordenadoria Regional de Educação de Passo Fundo. Ressalta-se que esse curso foi oferecido visando o atendimento de uma demanda específica dessas escolas, que entendiam que era necessário investir no cuidado dos seus professores e funcionários.

Assim, o grupo do Observatório optou por uma proposta que possibilitasse aos participantes repensarem a relação de cuidado que tinham consigo, com seus projetos de vida, seus sonhos, seus ideais, como também os convidassem a olhar para as suas dificuldades (estresse, desmotivação, adoecimentos, falta de reconhecimento...) no exercício de suas profissões. Assim, poderiam se identificar, para que, na comunhão dos sentimentos e percepções com seus pares, pudessem ser capazes de pensar em propostas alternativas que os auxiliassem nos processos educativos, de modo a ressignificar seus labores e vidas, no sentido do Bem Viver, no cotidiano das escolas.

Desse modo, a proposta visou oferecer aportes teórico-metodológicos, implicando em estudos e vivências, que possibilitassem o desenvolvimento de uma

práxis educativa centrada em novos olhares para a realidade escolar. E, ainda, desenvolveu ações inspiradas: (i) no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, em especial, nos quatro pilares da educação: Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a conviver e Aprender a ser, propostos por Delors et al. (2001); (ii) na concepção de “Educar é humanizar” de Alencar(2001) e (iii) nas contribuições de Brandão (2005, 2007) sobre “Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida”, a fim de provocar reflexões acerca de ações cotidianas, que lhes possibilitassem perceber necessidades de mudanças nas próprias atitudes, tendo em vista a colaboração para a construção de uma cultura de paz.

Assim, buscou-se oferecer recursos para capacitação de professores e funcionários para auxiliar na resolução de conflitos que ocorrem na convivência escolar, valorizando a interdisciplinaridade dos fazeres pedagógicos em seus diversos níveis e áreas de conhecimento.

Também objetivou fortalecer o conceito de comunidade escolar, enquanto coletivo, que pode protagonizar o desenvolvimento humano-cultural no contexto de inserção das escolas.

Nesse artigo, apresenta-se o relato dessa experiência que buscou instituir novos propósitos para a educação formal, a fim de ampliar a perspectiva de formação intelectual, integrando a ela, a perspectiva humanista, no processo de formação integral do sujeito.

O CUIDADO E A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO

Segundo Signorette (2002), o cuidado se constitui num ato que pode estar direcionado ao outro ou a si mesmo, que envolve a valorização e ajuda no desenvolvimento de capacidades. Desse modo, indica que compreender de que modo é possível ajudar o outro em seu desenvolvimento consiste no ponto mais importante no cuidado humano.

Além disso, Maturana (2002, p.15) entende que, apesar de sermos seres racionais, nossas ações são impulsionadas pelas emoções. Para ele, somos constituídos pelo entrelaçamento entre o racional e o emocional. Esclarece:

As emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. Do ponto de vista biológico, o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos. Quando mudamos de emoção, mudamos de domínio de ação.

Nesse sentido, considerando as compreensões de Signorette (2002) e de Maturana (2002), o cuidado, ao ser entendido como um ato ou uma ação direcionada ao outro ou a si mesmo, resulta de emoções vivenciadas individualmente ou de relacionamentos que se estabelecem no contexto da sala de aula ou no ambiente escolar.

Para Maturana (2002), o amor é a emoção que possibilita o convívio social, quando possibilita a aceitação do outro como é de fato. Ressalta que, segundo essa perspectiva, nem toda convivência é social. Esclarece que, quando são respeitadas as emoções nas relações, que ocorrem em sala de aula, por meio da aceitação do outro, como legítimo outro, é possível criar espaços de convivência, que impulsionam a aprendizagem mediada pela atuação docente.

No que tange à convivência escolar, Neves e Carvalho (2006) salientam, no campo da educação, a importância de se pensar sobre a questão das relações humanas na escola, pois sem um ambiente harmonioso e de compreensão entre pessoas, que lá convivem, não é possível que se tenha condições apropriadas para o ensino e a aprendizagem. Segundo a autora, a integração escolar das crianças depende de diversos condicionamentos sociais, que, unidos a outros fatores, influenciam no tipo de sua aprendizagem e podem provocar desequilíbrios emocionais, gerando desadaptação e incapacidade de comunicar-se, o que normalmente ocasionam problemas de integração escolar. Nessa perspectiva, indica a importância da ajuda dos professores, sempre que possível, na superação de dificuldades no campo emocional.

Essa ajuda só é possível quando existe o cuidado do professor com o estudante, o qual se beneficia dessa atitude em sua integração ao grupo escolar.

Além disso, Neves e Carvalho (2006, p. 201-202) pontuam:

A gestão construtiva das situações problemáticas exige dos professores um grande número de qualidades emocionais. As suas atitudes devem motivar os alunos para que sintam prazer em estar nas aulas e aprendam mais, aumentando a sua autoconfiança e autoestima. É, sobretudo, a postura humana do professor que os influencia pois, para além do *saber fazer* e do *saber estar*, tem que *saber ser* [...].

Ou seja, as autoras indicam que o professor, além do conhecimento técnico, precisa ter atitudes que despertem a motivação dos estudantes e, ainda, precisam estar preparados emocionalmente para gerenciar situações conflituosas, que revelem suas posturas humana, cívica e ética, o que também pode colaborar com a formação integral dos estudantes.

Barros (2011) destaca a importância dos afetos na aprendizagem e afirma que para que a educação atinja plenamente seus objetivos é necessário que seja conduzida por meio de um novo conceito de espiritualidade, que compreende a vida fundamentada na amorosidade. Ressalta que em processos educativos as pessoas são convidadas a conviver numa dinâmica de evolução para comunhão e para integração com o diferente. Afirma que isso só é possível quando se percorre um caminho de solidariedade e de escuta, no qual deve ser possível interagir com a diversidade de opiniões, respeitando-as.

Tendo em vista que atualmente vivemos numa sociedade antiética e desumana, o autor enfatiza a necessidade de se educar para ser ético e humano. Para tanto indica que deve existir um diálogo desenvolvido a partir da diversidade advinda de diversas culturas populares envolvidas no processo. Também sugere a reflexão de que essa mudança deve ocorrer inicialmente com o próprio professor, pois para educar por meio do diálogo, necessita desenvolver capacidades de escuta e de diálogo. Além disso, ao se referir à importância de se resgatar o direito da emoção e da afetividade, concorda com Maturana (2002) quando indica que são as emoções que impulsionam as ações humanas e que guiam seus comportamentos. Também defende que o propriamente humano se dá no entrelaçamento do emocional com o racional e que, desse modo, é necessário resgatar e priorizar o diálogo entre emoções e razão.

Barros (2011) também defende que o educador precisa resgatar sonhos e utopias para se sentir motivado e desafiado a encontrar caminhos alternativos, construídos coletivamente, no combate e prevenção de violências. Para o autor há necessidade de se trabalhar com amor em processos de educação, tendo em vista a construção de uma cultura de paz, inclusive numa dimensão ecológica, pois a comunhão com a natureza possibilita a renovação do espírito, que impulsiona e renova as relações num ambiente de aprendizagem.

CAMINHOS TRILHADOS NA BUSCA DO CUIDAR

O curso foi proposto com o seguinte objetivo geral: desenvolver com os profissionais das escolas solicitantes, um trabalho dinâmico, com atenção voltada ao cuidado como dimensão fundamental do Bem Viver, desenvolvendo reflexões que promovessem alternativas de transformação e reinvenção das relações e espaços de convivência na escola.

Além disso, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- a) Realizar oficinas de sensibilização, com professores e funcionários, que promovessem a “escutatória” a fim de conhecer a sua realidade, buscando indicadores para um trabalho de formação continuada que venha ao encontro das suas necessidades.
- b) Promover reflexões acerca da importância de cuidar-se para o cuidar e o Bem Viver, possibilitando um olhar para si e para o(s) outro(s) que favoreça a indicação de caminhos e alternativas para ressignificar a própria vida.
- c) Promover a formação de coletivos criativos, com os professores e os funcionários, para desenvolver o protagonismo de ações voltadas à construção de valores de prevenção de violências e de desenvolvimento de Cultura de Paz e de Bem Viver.

O curso integrou um total de 40 horas e as atividades foram desenvolvidas por meio de fundamentação teóricas e oficinas, em cinco encontros presenciais, de oito horas cada, que aconteceram nas dependências do Centro Cultural da cidade de Tapejara, no Rio Grande do Sul.

Foi direcionado a professores e funcionários de oito escolas solicitantes, somando um total de aproximadamente 160 profissionais envolvidos.

Os trabalhos foram assessorados por professores da UPF, bolsistas da UPF e facilitadores do PAV, que também fazem parte do “Observatório da Juventude, Educação e Sociedade – UPF”.

De modo geral, foram realizadas dinâmicas de grupo, elaboradas de acordo com a metodologia do PAV, e também foram utilizados aportes teóricos de autores tais como: Jacques Delors, Carlos Rodrigues Brandão e Chico Alencar.

A primeira etapa do curso envolveu o processo de escutatória e sensibilização, num encontro de oito horas. Nesta oportunidade a proposta foi reconfigurada, de acordo com as necessidades apresentadas pelo coletivo de professores e funcionários envolvidos.

Partindo de pressupostos da metodologia participativa, o objetivo dessa primeira etapa foi apresentar a proposta do curso aos participantes a fim de submetê-la à apreciação e a modificações de modo a possibilitar a participação coletiva na construção da proposta.

Também se combinou que, ao final de cada encontro, seriam realizadas avaliações, de modo a contemplar as necessidades percebidas pelos participantes ao longo do curso.

A segunda etapa, que totalizou 32 horas, envolveu quatro encontros formativos. Nesses, na parte da manhã, se trabalhou no grande grupo, com fundamentação teórica e painéis de exposição e discussão. Na parte da tarde ocorreram simultaneamente quatro oficinas formativas e, para possibilitar a integração e participação de todos, em todas as oficinas, o grande grupo foi dividido em quatro grupos de no máximo 40 pessoas cada.

Essas oficinas foram inspiradas nos Quatro Pilares da Educação Para o Século XXI, de Jacques Delors et al. (2001), denominadas:

1. **Aprender a Conhecer**: oficina de aprofundamento acerca dos conceitos das raízes e frutos da violência e da não violência.
2. **Aprender a Fazer**: oficina de compartilhamento de saberes e fazeres sobre princípios da educação socioambiental desenvolvidos pela UPF, em especial, quanto à segregação de resíduos, orientado pelas Diretrizes Brasileiras da Educação Ambiental.
3. **Aprender a Conviver**: oficina sobre Educação Para Paz, com uso da metodologia do PAV.
4. **Aprender a ser**: oficina sobre Bem Viver, com uso de recursos artísticos/visuais da Arteterapia.

Desse modo, foram realizados cinco encontros, em duas etapas, conforme apresentados a seguir:

1ª Etapa:

1º encontro: ESCUTATÓRIA (08 horas)

Tema: Escutar a si e escutar o(s) outro(s).

Apresentação da proposta e escutatória, mediadas por dinâmicas de grupo.

Figura 1: 1ª Etapa



Fonte: Arquivo do Observatório da Juventude.

2ª Etapa: CUIDAR-SE PARA CUIDAR (32 horas)**2º Encontro: Formação (08 horas)**

Tema: Olhar para si e olhar para o(s) outro(s) - Comprometer-se consigo e com o outro(s).

Texto: “Os quatro pilares da Educação no século XXI” de *Jacques Delors*

3º Encontro: Formação (08 horas)

Tema: A arte de cuidar-se e de conviver (08 Horas)

Texto: “Educar é humanizar” de Chico Alencar.

4º Encontro: Formação (08 horas)

Tema: Os “nós” da convivência

Texto: “Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida” de Carlos Rodrigues BRANDÃO.

5º Encontro: Formação (08 horas)

Tema: Fortalecendo os laços

Fechamento do curso, com avaliação final e momento cultural com participação dos estudantes das escolas envolvidas.

Figura 2: Grupo de participantes do curso



Fonte: Arquivo do Observatório da Juventude

Destaca-se como elemento vital do curso o processo constituído, uma vez que, a cada encontro, tinha-se como fio condutor um registro de memória do trabalho realizado. A memória sempre era utilizada para a construção do encontro seguinte, efetivando o processo construído, segundo a metodologia participativa. Também propiciou o fortalecimento de vínculos e a percepção de cada participante, como um protagonista de suas ações.

Além disso, foram realizadas avaliações ao final de cada encontro e percebeu-se a expressão de dificuldades e resistências no primeiro encontro, talvez diante das experiências anteriores de palestras individuais, não participativas e com temáticas isoladas, a que estavam habituados. Contudo, ao longo do processo, essas situações foram se modificando, na medida em que as percepções negativas, registradas nas avaliações foram respeitadas. Foram observadas desde a necessidade de mudança do espaço físico e a disponibilização de melhores equipamentos de áudio e vídeo, para que atendessem a necessidade da proposta do curso, assim como a reorganização do grande grupo em grupos menores, no turno da tarde, para a realização das oficinas.

Ao respeitar as percepções obtidas mediante avaliação, as expressões de comprometimento, manifestações de alegria, confiança, seriedade e demonstração de compromisso com a profissão, foram se fortalecendo, o que indica que se tornaram protagonistas no processo. Em seguida, apresenta-se um fragmento retirado dos registros colhidos de avaliações, realizadas em grupos, que corrobora essa percepção, onde os participantes ao se referirem ao curso afirmam que: “Contribuiu para ampliar os conhecimentos, troca de experiências do cotidiano escolar, que nos faz perceber a realidade da escola fora da sala de aula. A autoestima do professor aumenta, quando nos sentimos valorizados”.

Como um exemplo do trabalho realizado, apresenta-se, também o relato de uma, dentre várias atividades desenvolvidas nos encontros, que possibilitou reflexões, a integração e estimulou a criatividade dos participantes, conforme é descrito a seguir.

RELATO DE UMA VIVÊNCIA

No terceiro encontro, na parte da manhã, foi proposta uma tarefa desafiadora aos participantes, solicitando que, em grupos menores, se expressarem de forma criativa. Deveriam construir uma síntese que abrangesse suas compreensões acerca de leituras realizadas e de reflexões compartilhadas, apoiadas em seus conhecimentos prévios, bem como pela socialização de suas vivências.

Os grupos deveriam refletir sobre a integração dos conceitos abordados nos textos de Delors et al. (2001) “Os quatro pilares da educação” e de Chico Alencar (2001) “Educar é Humanizar”, os quais já haviam sido lidos previamente.

No entanto, para orientar a reflexão e a síntese dos grupos, foram distribuídos os quatro pilares entre eles, de modo a inspirá-los. Também solicitou-se que se juntassem em grupos de no máximo dez integrantes, que poderiam ser constituídos por afinidade. Foi informado que disporiam de cinco minutos para socializar suas reflexões com o grande grupo.

Depois de repassadas as instruções, cada grupo se reuniu e planejou suas apresentações. Os participantes ficaram divididos em 8 grupos.

As apresentações iniciaram com os grupos responsáveis pelo pilar *Aprender a Conhecer*. O primeiro grupo, encenou o ambiente da sala de aula, salientando a presença do celular e as várias formas de percebê-lo e destacaram o uso devido e indevido desse, bem como seu uso como um recursos didático em sala de aula.

O segundo grupo também fez uma encenação, onde destacaram a importância de se conhecer a realidade das famílias de seus alunos, colocando em evidência três realidades diferenciadas: duas famílias negligentes e uma família acolhedora. A encenação finalizou com a importância da busca dos profissionais que atuam na escola por ajuda especializada. Nesse caso, destacaram a contribuição do curso de formação continuada, oferecido pelo Observatório/UPF, para auxiliá-los no atendimento às suas necessidades, de modo a fornecer recursos para compreenderem as mudanças sociais contemporâneas, bem como para os possibilitarem intervir nessas realidades.

O terceiro grupo apresentou a temática Aprender a Conviver, encenando uma situação de sala de aula, representando os diferentes comportamentos de alunos: os mais estudiosos, os bagunceiros e alguns que ficavam ao celular, enquanto a professora tentava fazer uma explicação a respeito da convivência. Além disso, uma professora do grupo passou um vídeo interativo, a respeito da convivência, e, no final, fez uma oração.

O quarto grupo apresentou o pilar Aprender a Fazer, encenando a desordem da sala de aula, as dificuldades de lidar com as diferentes situações e comportamentos dos alunos nesse contexto, além de ressaltarem a impotência do professor diante dessas situações. Também destacaram a tendência dos professores em rotular esses estudantes, repassando à direção da escola a necessidade de encaminhamento ao que chamaram de “especialistas”.

O quinto grupo apresentou o pilar Aprender a Fazer, realizando uma encenação de uma aula de educação física, onde uma professora conduzia os alunos a aprender a fazer polichinelos, mostrando como deveriam realizar o exercício e pedia para que os alunos seguissem suas instruções. Mas encenaram que não havia consenso entre os estudantes, pois alguns gostariam de realizar outras atividades e apresentavam justificativas para não fazer os exercícios. Com essa encenação apresentaram os problemas encontrados com a metodologia expositiva, onde o professor mostra como fazer e espera que os alunos apenas repitam, fazendo os mesmos exercícios também.

O sexto grupo apresentou o pilar Aprender a Conviver, recitando o poema “Aprender a Conviver”, de autoria do grupo, que teve como fonte de inspiração a palavra “Humanizar”, síntese da leitura e compartilhamento de ideias dos textos e da proposta de trabalho. A seguir, apresenta-se o poema que foi recitado pelo grupo:

Aprender a Conviver

Ninguém nasce bandido
Ninguém nasce santo
Tudo pode ser aprendido
Mesmo que se sofra um tanto

É preciso ter a compreensão da realidade

O professor estimula o aprender
Para o aluno se tornar um ser de verdade
E juntos saber conviver

Todo o ser humano tem potencial
A escola é um caminho
Para uma educação ideal
Trabalhar em grupo e nunca sozinho

A educação contribui para o crescimento
Trabalha na recuperação da sociedade
Promove o desenvolvimento
Do indivíduo em qualquer idade

O sétimo grupo apresentou o pilar *Aprender a Ser* encenando o contexto de uma sala de aula, onde a professora conduzia seus alunos a se organizarem para um dia de aula. A encenação colocou em evidência os vários focos de interesse dos estudantes, o que dificultava o andamento da aula e a integração. A professora, por meio da temática da copa do mundo, buscou despertar o interesse e a participação dos estudantes, falando das diferentes culturas dos tempos antigos e dos tempos atuais e propiciou aos estudantes exporem suas opiniões acerca da temática tratada. Alguns participavam, interagindo ao tema, e outros brincavam com bolas de papel.

O oitavo e último grupo também apresentou o pilar *Aprender a Ser*, cantando uma paródia, de própria autoria, da música de Raul Seixas “Metamorfose Ambulante”, integrando os textos e o compartilhamento das ideias de todos. A seguir, apresenta-se letra construída coletivamente:

Preciso ser
Essa transformação constante
Preciso ser
Essa transformação constante

Do que ser aquele velho professor
Desinformado sobre tudo

Do que ser aquele velho professor
Desinformado sobre tudo (sobre tudo)

E eu quero fazer
Tudo o que sonhei ser

Eu prefiro fazer
Essa transformação constante

Se hoje sou sonhador
Amanhã serei transformador (transformador)
Se hoje me acomodo tanto
Amanhã serei um lutador (um lutador).

Dessa forma, os grupos expuseram a sua capacidade criativa, integrando os conteúdos dos textos, suas vivências e experiências com a educação.

As apresentações provocaram reflexões e a abertura para a fala. Alguns professores fizeram comentários como: “No início não gostei da atividade, de ter que me reunir em grupo, e fazer... mas, depois que nos reunimos e criamos juntos foi muito interessante, as ideias começaram a vir e comecei a me empolgar”. Outra professora também relatou que gostou da experiência, mas que sentiu a necessidade de conhecer mais recursos para desenvolver seu trabalho e também citou a dificuldade de lidar em sala de aula com situações similares às encenadas.

Pelas apresentações e registros dos participantes, foi possível constatar que essa atividade possibilitou refletir sobre o conteúdo dos textos. Reforçou a importância de compreender que os quatro pilares da educação representam simbolicamente elementos estruturais para a aprendizagem e para a constituição de sujeitos e que a ação de educar é uma ação essencial de humanização. A atividade também possibilitou perceber que o trabalho colaborativo pode provocar mudanças significativas no contexto escolar, pois permitem a interação, a humanização e a transformação nas relações de convivência.

Considerações finais

Da maneira como o curso foi idealizado e desenvolvido, foi possível perceber a proposta como um caminho alternativo para se contornar dificuldades percebidas pelos professores, proposta ao encontro de uma Educação mais humanizadora, integradora, afetiva, criativa, emancipatória e autônoma. Percebe-se que, diante das

dificuldades trazidas e vivenciadas nas escolas, novas possibilidades de ações tornam-se possíveis, refletidas no comprometimento e seriedade dos participantes, marcando a evolução do trabalho desenvolvido e o processo construído.

Além disso, os participantes indicam em suas avaliações que gostaram de ter participado do curso e que gostariam que o trabalho fosse continuado, pois compreenderam que a proposta vivenciada foi diferenciada e consistente e que as necessidades inicialmente apresentadas ao Observatório foram atendidas. Em suas falas os participantes indicam que percebem que não existem receitas prontas para os problemas que enfrentam diariamente, mas que somente poderão resolvê-los ou contorná-los por meio de reflexões e mudanças, que iniciam com a revisão de suas próprias atitudes. A avaliação de um dos grupos indica que: “É possível acreditar que nós como professores temos condições de promover a paz no nosso dia-a-dia, almejando uma sociedade melhor. Nos fez repensar nossa prática educativa”.

Nas avaliações também manifestam que percebem que esse processo é lento, complexo e que depende do trabalho coletivo, e, ainda deve ser construído colaborativamente por todos os integrantes da escola.

Propostas de curso de formação como a descrita no presente artigo possibilitam perceber que há necessidade de se refletir também sobre as causas e não somente nos efeitos das violências presentes nos ambientes escolares. Ao se pensar na necessidade de cuidar de si mesmo, para que seja possível cuidar do outro, nota-se que muitas vezes é possível agir na prevenção de violências, quando há equilíbrio emocional que possibilite ajudar a si mesmo e aos demais. É importante destacar que a busca pelo equilíbrio emocional se dá ao longo da vida. De modo especial, no contexto da escola, se dá na construção de relações interpessoais, que promovem o encontro consigo e com o outro, com respeito à diversidade, por meio de processos democraticamente incluídos, fundados na ética. Concorda-se com Delors et al. (2001, p. 101) quando afirma:

Este desenvolvimento do ser humano que se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético, que começa com o conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem

interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade. Na hipótese de uma experiência de sucesso, a educação como meio para uma tal realização é, ao mesmo tempo um processo individualizado e uma construção social interativa.

Destaca-se a importância do apoio institucional da Universidade de Passo Fundo e de instituições públicas, municipais ou estaduais, que dispostas a melhorar as condições de vida e de trabalho de professores têm trabalhado juntas, de modo a buscar soluções para problemas enfrentados nos ambientes escolares, na busca de propostas alternativas para seus enfrentamentos e prevenções.

Referências

ALENCAR, C. Educar é humanizar, In: GENTILI, P; ALENCAR, C. (Orgs.). **Educar na esperança em tempos de desesperança**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.97-118.

BARROS, M. **Para colaborar com o parto de uma humanidade nova**. Disponível em: < <http://www.marcelobarros.com/blog/palestra-em-passo-fundo/> > . Acesso em: 09 de abr. de 2017.

BEDIN, S. A. **Escola: da magia da criação** – as éticas que sustentam a escola pública. Passo Fundo: Editora UPF, 2006.

BRANDÃO, C. R. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Aprender o Amor**: sobre um afeto que se aprende ao viver. São Paulo, Papirus, 2007.

DELORS, J., et all. **Educação, um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2001.

MALDONADO, M. T. **Os construtores da Paz** – caminhos de prevenção da violência. São Paulo: Ed. Moderna, 2012.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, 98 p.

NEVES, M. C.; CARVALHO, C. **A importância da afectividade na aprendizagem da matemática em contexto escolar**: um estudo de caso com alunos do 8º ano. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 2, p. 201-215, 2006.

SIGNORETTE, A. E. R. S. et all. Educação e cuidado: dimensões afetiva e biológica constituem o binômio de atendimento. **Revista do Professor**. Porto Alegre, n. 72, p. 5- 8,out./dez. 2002.

Data de envio: 09 de Abril de 2017.
Data de aceite: 06 de Junho de 2017.